SAUDANDO O ESCRITOR PLÁCIDO ADERALDO CASTELO

Mozart Soriano Aderaldo

Já me foi ensejada a oportunidade de lembrar, em cerimônia a esta semelhante, com estarrecedora surprêsa para alguns dos presentes, que somos nós, os escritores, os homens mais objetivos, precisamente porque, através de palavras que traduzem o pensamento, construímos o futuro.

Realmente, não seriam os homens dos grandes negócios os arautos de uma nova civilização, especialmente de uma vera civilização, de uma era "vitalmente cristã", na expressão de eminente pensador contemporâneo. Nem mesmo seriam os vultos do proscênio político os verdadeiros construtores de uma civilização a um só tempo respeitadora da Liberdade — dessa "gloriosa Liberdade dos filhos de Deus", a que se referiu São Paulo — e garantidora da Ordem, sem a qual não seria possível qualquer tipo de liberdade. Se não seria justo deixar de reconhecer que, vivendo e morrendo pobres, os políticos profissionais geralmente podem orgulhar-se ao menos dessa indiscutível qualidade positiva, não haveria de ser ainda entre êles que encontraríamos os exatos construtores de um mundo melhor.

O mundo solidarístico com que sonhamos — democrático na sua essência mas não comprometido com o formalismo jurídico que por vêzes concorre para a morte da própria Democracia; nem decorativamente mas "vitalmente cristão"; não liberal, para que seja de fato garantidor da legítima Liberdade — êsse mundo há de ser construído não pelos homens do mundo e ainda menos por contestatários, falsa-

---

(*) Discurso proferido em nome do Instituto do Ceará, no lançamento da História da Instrução no Ceará.

mente pacíficos ou declaradamente violentos, mas pelos pensadores, pelos pesquisadores, pelos escritores encontráveis nos gabinetes de estudo e nas salas de aula.

E essa verdade elementar, não obstante o impacto que possa causar, encontra franco apoio nos fatos históricos. Que seria da civilização grega sem Sócrates, sem Platão, sem Aristóteles? De Roma, sem Cícero? A própria Igreja, por si mesma tão grande pelo próprio Fundamento, seria por assim dizer menor sem Paulo, sem Agostinho, sem Tomás de Aquino, apesar dos homúnculos que hoje porfiam baldadamente em subestimar êsses três faróis do pensamento cristão.

Saberemos, por acaso, quem circulava pelos salões sociais ao tempo da memorável campanha de José do Patrocínio, Castro Alves e Joaquim Nabuco em favor da Abolição? Seus nomes não constam das obras históricas, onde apenas podemos desenterrar, em geral esquecidos, os pró-homens da política de então, não obstante presumirem que governavam o mundo, não passando, de fato, de meros aplicadores das doutrinas dos filósofos e da mensagem dos poetas da época, verdadeiros guias da humanidade.

Os fatos provincianos comprovam a tese desconcertante. Não será preciso referir que o Ceará não é conhecido como a terra dos ricos de passados tempos, nem mesmo como a terra do senador José Martiniano de Alencar, excepcional político e administrador, para referir apenas o maior de quantos nos governaram no século XIX. O glorioso nome da terra cearense se acha vinculado, indissolùvelmente, ao filho ilustre, homônimo daquele, mau político que indiscutìvelmente foi, porém criador do mais excelso poema jamais escrito sôbre a terra natal. Assim como se acha, por igual, ligado a uma plêiade de poetas, prosadores, filósofos e demais obreiros da palavra, com Capistrano, Clóvis, Farias Brito, José Albano, Juvenal Galeno, Gustavo Barroso, Rodolfo Teófilo, Oliveira Paiva, Barão de Studart, Antônio Bezerra, Pompeu Sobrinho...

De minha geração, a geração da década de 1940, enfatizemos apenas que partiu de seus então nascentes intelectuais, nos primeiros e tormentosos dias da Segunda Grande Guerra, o grito de protesto contra uma conjura do nacional-socialismo nazista com o internacional-socialismo comunista, primeiramente irmanados no golpe contra a Polônia e sòmente depois desentendidos, que representaria para o mundo a negação de tudo aquilo em que piamente críamos e ainda cremos, sendo por isso que somamos à aparente ingenuidade de congressistas que falavam de Poesia, em época tumultuosa, a positiva atitude de organizadores da primeira manifestação de fé nos ideais da civilização ocidental-cristã e de repúdio ao totalitarismo. Lá estávamos nós, ao lado do sempre jovem Joaquim Alves, de Antônio Girão Barroso, de Artur Eduardo Benevides, de Moreira Campos, de Fran Martins, de Braga Montenegro, de João Clímaco Bezerra, de Eduardo Campos e de quantos outros que, ao nosso lado, luta-

vam, nas sessões do incompreendido Congresso de Poesia, por "um mundo melhor", antecipação quase profética, a seu modo, da obra do padre Lombardi, abençoada por Pio XII. Muitos dêles ainda em plena atividade, lutando pelo mesmo ideal, incompreendidos mas destemerosos, amantes da verdadeira Liberdade, que não se conquista através da subversão, enfrentando o mesmo antigo adversário embora travestido de roupagem diversa mas àquela semelhante pelo estatolatrismo intolerável. Seria necessário citar um Gustavo Corção, companheiro mais velho, ontem como hoje, de uma cruzada que não findou? E, aqui no Ceará, um Eduardo Campos, que se tem batido por ideais merecedores da aprovação e do apoio de muitos que, descaminhados, antes deviam ajudá-lo que combatê-lo?

São êsses, Senhores, os homens do futuro. São os pensadores, os filósofos, os escritores que nos hão de apontar — e já o fazem — a trilha a seguir.

Sabedor dessas verdades surpreendentes, o eminente homem público que é Plácido Aderaldo Castelo, lidador desde os tempos acadêmicos e lutador ainda hoje, a braços que se encontra com os mais graves problemas do Estado, à frente do atual Govêrno, tão profícuo e realizador mas inexplicavelmente muito incompreendido e injustiçado, não quis limitar suas atividades públicas às ingratas funções de Governador de Estado pobre, que a êle deve, malgrado os muitos obstáculos, 75% de tôdas as localidades cearenses eletrificadas; como igualmente dêle recebeu a humana e cristianíssima obra de construção da mais moderna penitenciária do País; e que ainda reencontrou sua destinação histórica com a recomposição dos caminhos para o Aracati e para o alto sertão, através das magníficas estradas Litorânea e do Algodão, que êle acaba de inaugurar.

Eis que, sabedor daquelas verdades ora recordadas, quis o intelectual, que êle é, deixar marcada, por igual, sua presença na comunidade de que faz parte, ainda nesse setor da atividade humana.

O administrador operoso e honesto, discreto em suas realizações administrativas e por isso ainda não devidamente consagrado, preferindo sacar para o futuro, não desgastando as verbas orçamentárias em propagandas balofas e preferindo aplicá-las em novas realizações, quis assegurar sua passagem entre os intelectuais contemporâneos, encontrando tempo para não descurar de sua inestimável vocação literária.

São várias as publicações com que anteriormente nos brindou. E agora, compensando os desgostos e as incompreensões decorrentes do exercício da alta função que lhe foi confiada, entrega-nos êle uma preciosa monografia sôbre o ensino em nossa terra, integrante da *Grande História do Ceará* que a sabedoria de Pompeu Sobrinho idealizou.

Efetivamente, em fins de 1938, o Dr. Tomás Pompeu Sobrinho apresentou aos seus pares do Instituto do Ceará o Plano de uma

exaustiva *História do Ceará*. E, para êsse grandioso empreendimento, convocou os sócios do Instituto. Serão 26 monografias, destinadas as 7 primeiras ao meio físico, ao homem e ao meio social, estudados através do tempo, "numa larga síntese". As outras 19 terão características analíticas e se destinarão ao "estado particularizado de tôdas as grandes manifestações humanas, tomadas, tanto quanto possível, isoladamente, com o fim de facilitar a fixação dos trabalhos".

Pompeu encarregou-se, de logo, da *Pré-História Cearense*, isto é, do que aqui ocorreu anteriormente às primeiras manifestações européias. Presenteou-nos com o 1.º de seus dois volumes, não lhe sendo dado o ensejo de brindar-nos com o 2.º dêles. Mas a *Proto-História*, ou seja, a descrição do que ocorreu no Ceará entre as primeiras manifestações européias e as primeiras explorações frustradas da terra, essa êle nos deixou íntegra e portentosa. Com o falecimento de Joaquim Alves, que escrevera a *História das Sêcas* até ofinal do século XIX, Pompeu resolveu compendiar a parte que faltava no volume que completou a obra deixada inconclusa. Outros volumes foram, igualmente, publicados, como a *História Econômica do Ceará*, raridade bibliográfica da autoria de Raimundo Girão; a *História Militar do Ceará*, de Eusébio de Sousa; e a *História da Literatura Cearense* (4 volumes), que nos foi legada por Dolor Barreira.

Agora enseja-se-nos apresentar mais um volume da coleção, a *História do Ensino*, cujos originais seu autor ofereceu ao Instituto, como integrante que é do quadro de sócios efetivos da entidade desde 1941. E a Secretaria de Cultura do Estado, a exemplo do que fizera a Secretaria de Agricultura, em relação aos dois volumes da *História das Sêcas*, encarregou-se de publicá-lo, mediante convênio assentado com o sodalício patrocinador da obra.

Ressalte-se que escreveu a *História do Ensino no Ceará*, um dos poucos que, em nossa terra, dela se poderiam desincumbir satisfatòriamente. De fato, Plácido Aderaldo Castelo, antes de ser o político e o administrador de contínuos e fecundos sucessos, iniciados já quando de sua passagem pela Faculdade de Direito e culminados na sua escolha para Governador do Estado, é acima de tudo o intelectual que pacientemente pesquisa e idealisticamente realiza, inclusive no campo da instrução e da educação. Seria preciso lembrar que é de sua responsabilidade a fundação, na recuada década de 1930, da Escola Normal Rural de Juàzeiro? Que integrara êle, ainda naqueles idos, um grupo de intelectuais interessados na solução de nossos mais agudos problemas, dentre os quais o do ensino, organizando o núcleo estadual da Sociedade dos Amigos de Alberto Tôrres? Que são de sua iniciativa, quer como intelectual vinculado à nossa problemática regional, quer como político que jamais esqueceu suas origens sertanejas e sua formação tìpicamente ecológica, diversos empreendimentos que beneficiaram e ainda beneficiam o nosso povo, de que é elo-

qüente exemplo, para citar apenas um, a Faculdade de Veterinária do Ceará?

As musas não fazem mal aos doutôres — é truísmo cultural nem sempre pacìficamente aceito. Porfiaram em comprová-lo intelectuais de todos os quadrantes, a despeito do obstáculo que outros antepõem às atividades culturais, subestimando-as, e a iniciativas felizes como a da criação pioneira da Secretaria de Cultura do Estado, tão necessária mas, infelizmente, algumas vêzes incompreendida e combatida, confirmando o conceito de que sòmente se jogam pedras em árvores de bons frutos.

Estamos todos de parabéns. O Govêrno do Estado em geral e a Secretaria de Cultura especialmente. O Instituto do Ceará, que ora represento na qualidade de seu Vice-Presidente, na ausência do presidente Carlos Studart Filho. E o próprio Estado do Ceará, no que tem de mais representativo no mundo do pensamento. É que ora lançamos mais uma obra de valor, que vem enriquecer nosso patrimônio cultural, garantindo ao seu ilustre autor um eminente lugar entre quantos, escritores conterrâneos, traçam roteiros às futuras gerações e se inscrevem definitivamente nas páginas da História.